

MORFOLOGIA URBANA E AS ESCOLAS TRADICIONAIS INGLESA E ITALIANA: DIFERENÇAS, CONCEITOS E ANÁLISES

DINIZ, Mariana Pizzo.¹
OLDONI, Sirlei Maria.²

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo esclarecer a definição de morfologia urbana através do estudo da cidade como *habitat* humano, proporcionando a compreensão dos elementos morfológicos para a análise dos centros urbanos. Além disso, neste artigo identificam-se as principais escolas que fomentaram os estudos na área da morfologia urbana, destacando principalmente a escola inglesa, italiana e a francesa, esta última uma vertente morfológica que não se desenvolveu tão amplamente quanto às outras duas citadas. Serão elencados os princípios norteadores propostos por estas escolas, exemplificando-os com ideias práticas. Além disso, serão apresentadas as diferenças conceituais existentes entre ambas as escolas. É ainda objetivo deste artigo, considerando o que foi exposto, compreender a morfologia urbana como o estudo da cidade, possibilitando a caracterização e a conformação urbana, sua evolução e suas transformações. Neste texto, busca-se um aprofundamento teórico sobre o assunto discutido, possibilitando uma complementação do projeto de pesquisa e seu desenvolvimento por completo.

PALAVRAS-CHAVES: Morfologia Urbana, Elementos, Escolas, Italiana, Inglesa.

1. INTRODUÇÃO

A definição do conceito de morfologia designa o estudo da configuração e da estrutura exterior de um objeto. É a ciência responsável pela análise da forma, interligando-a com os fenômenos que a originaram (LAMAS, 2004).

No que se refere à morfologia urbana, segundo Lamas (2004), Rego, Meneguetti (2011), Cullen (1983), Cullen (2006) e Oldoni (2016), esta se define essencialmente como os aspectos exteriores do meio urbano e as suas relações recíprocas, analisando e explicando a paisagem urbana e sua complexa estrutura. A cidade é resultante da acumulação e da integração de muitas ações determinadas pelas tradições, culturas, ideias políticas, forças econômicas, grupos ou indivíduos, e, portanto, deve ser compreendida como um organismo em constante modificação.

No entanto, segundo Moudon (2015), são três os princípios inerentes a qualquer centro urbano: a forma, a resolução e o tempo. É intuito de este artigo salientar estes três conceitos como formas de análise da morfologia urbana, definindo ao leitor o processo histórico dos princípios morfológicos. Além disso, serão esclarecidos ao leitor os principais elementos morfológicos, que segundo Lamas (2004), possibilitam ao pesquisador analisar e compreender a evolução da forma urbana.

¹ Graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz – Cascavel, PR. E-mail: mpdarquitetura@gmail.com

² Professora orientadora, docente do curso de Arquitetura e Urbanismo - FAG. Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela UEM/UEL. E-mail: sirleiodoni@hotmail.com



Neste contexto, serão analisadas as Escolas da Morfologia Urbana que surgiram na Europa na década de 1960, principalmente na Inglaterra e Itália, e posteriormente na França. Exemplos práticos serão apresentados com o intuito de ilustrar os estilos e conceitos teóricos de cada escola e conseqüentemente, o leitor compreenderá os princípios norteadores de cada uma das linhas morfológicas (COSTA e NETTO, 2015).

2. A ETIMOLOGIA DO TERMO MORFOLOGIA URBANA

O termo Morfologia é empregado em diversas áreas do conhecimento, teve início nos estudos de ciências biológicas, cujo significado exprime o estudo das formas ou então a história da variação das formas de um ser vivo (FERREIRA, 1999). Aplicando-se este conceito na área do urbanismo, temos a definição de Morfologia Urbana, ou seja, é o estudo da forma dos centros urbanos resultante das ações da sociedade sobre o meio, um produto físico edificado e transformado pelo ser humano (COSTA e NETTO, 2015).

Considerando esta definição, é importante destacarmos a relação intrínseca entre morfologia urbana e a ocupação do solo, pois a edificação, o parcelamento e os espaços livres refletem a intenção humana e as demandas da sociedade de cada período, o que acarreta na modificação do traçado urbano, isto é, nas vias, praças, quadras e suas subdivisões em quarteirões e lotes (COSTA e NETTO, 2015).

O passado e o presente, ainda segundo os autores citados acima, estão materializados fisicamente nos centros urbanos, remetendo a uma cronologia das construções e das características de cada sociedade. Logo, se a questão da temporalidade é apresentada pela ação do tempo sobre o espaço urbano, existem instrumentos que podem fornecer ao homem o entendimento e percepção do seu entorno. A morfologia urbana, assim sendo, atua como um instrumento cujos métodos separam estas camadas da forma urbana e os aspectos que no passado estruturaram a vida social, possibilitando ao homem compreender o espaço em que ele vive como um produto dinâmico urbano que a cada dia possui novas formas e traçados.

Os morfologistas, assim denominados aqueles que estudam a morfologia urbana, centram seus resultados das pesquisas nas forças sociais e econômicas que direcionam e delimitam o futuro das cidades, pois a concretização das ideias e intenções só ocorrem na medida que estas tomam forma sobre o solo moldando as cidades. Edifícios, jardins, ruas, parques e monumentos, estão entre os principais elementos da análise morfológica (MOUNDON, 2015).

Para tanto, estes elementos são considerados organismos volúveis, ou seja, que vão sendo constantemente utilizados e transformados ao longo do tempo, pois, ao mesmo tempo em que existem num



estado de inter-relação próxima e dinâmica, suas estruturas são moldadas pelos espaços abertos à sua volta; ruas e vias públicas servindo a proprietários de áreas privadas dispostas ao longo dessas ruas. (MOUNDON, 2015).

Neste contexto, conforme cita Mundon (2015), o estado dinâmico da cidade, e a sua consequente relação com seus elementos, corroboram para o fato de que muitos morfologistas preferissem o termo 'morfogênese urbana' para descrever o seu campo de estudo e suas pesquisas.

3. AS ESCOLAS TRADICIONAIS DE MORFOLOGIA URBANA

Tratando-se da investigação morfológica, vários aspectos podem ser considerados, dentre eles a dinâmica social, econômica e política de uma sociedade. Apesar de vários autores discorrerem sobre a análise morfológica como um instrumento de inúmeras possibilidades de aplicação, há um consenso geral no que se refere ao fato da forma urbana poder ser analisada e estruturada a partir de três pontos, como citam Mundon (1997) e Costa e Netto (2015).

Na primeira definição, a forma urbana tem sua gênese a partir dos elementos físicos fundamentais, como as edificações e os espaços livres. Em uma segunda análise, a forma urbana surge em decorrência das escalas que institucionalizam a relação construtiva entre o edifício e o lote, as vias e as quadras. Por último, a terceira definição caracteriza a forma urbana como uma composição histórica, isto é, a sociedade modifica e constrói a cidade, portanto esta é o resultado de transformações sociais (COSTA e NETTO, 2015).

Apesar deste consenso, existem três correntes analíticas, escolas ou linhas de estudo da morfologia urbana. Porém, são duas as principais linhas tradicionais de investigação: a inglesa e a francesa. A escola inglesa de morfologia urbana surgiu a partir dos estudos de M.R.G. CONZEN (1907-2000), cuja pesquisa foi resultante da análise da pequena cidade comercial de Alnwick, na Inglaterra em 1960 (MUNDON, 1997). Quanto à escola italiana, Saverio Muratori (1910-1973) foi seu grande precursor, influenciando a arquitetura e o urbanismo do país.

Na sequência, estaremos delineando os principais conceitos e ideias norteadoras de cada uma das escolas, apontando suas fases e respectivos períodos.

3.1 A ESCOLA INGLESA DE MORFOLOGIA URBANA

De acordo com Costa e Netto (2015), Mundon (1997) e Oldoni (2016) dos conceitos acima citados, a Escola Inglesa de Morfologia Urbana adota como definição parâmetros de estudo da evolução das formas a partir das transformações e modificações, com o propósito de estabelecer



uma teoria sobre a construção da cidade. Assim, o parcelamento do solo é compreendido como o principal elemento de análise da forma urbana.

Como citado anteriormente, o grande nome da Escola Inglesa é o alemão Michael Robert Gunter Conzen, nascido em Berlim no dia 21 de Janeiro de 1907. Seus estudos iniciais foram nas áreas de Geografia Histórica e Filosofia na Universidade de Friedrich Wilhelms, na capital alemã (WHITEHAND, 2001).

M.R.G. Conzen, influenciado por seus mestres, passa a analisar a formação da paisagem urbana a partir de sua evolução formal. O então estudante de geografia publica inúmeros artigos sobre este tema, já construindo uma base que em um futuro próximo seria aprimorada e difundida internacionalmente.

Em 1933, no entanto, Conzen foi impelido a imigrar para a Inglaterra, e durante sua estadia, implementou suas pesquisas e análises, tendo sido convidado por várias universidades inglesas para ministrar palestras e aulas. No ano de 1940, passa a atuar como planejador urbano em Manchester, período de reconstrução das cidades no pós-guerra (COSTA e NETTO, 2015).

Ainda de acordo com Costa e Netto (2015), modelo de planejamento defendido por M.R.G. Conzen inspirava-se nas técnicas de revitalização seguindo os modelos tipo-morfológicos baseados nas formas medievais que os estruturaram. Neste sentido, o geógrafo alemão inaugura uma reflexão sobre a importância da preservação das áreas centrais das cidades britânicas.

Conzen inicia então seus estudos na cidade medieval de Alnwick, localizada entre Newcastle e a fronteira com a Escócia. Os resultados de sua pesquisa, através da identificação de cinco períodos morfológicos e da análise econômica e social de cada etapa, permitiram à Conzen a compreensão e o entendimento de toda a paisagem urbana e conseqüentemente a conceituação formal de toda a cidade (CONZEN, 1960).

Considerando o que foi exposto, como afirma Costa e Netto (2015, p. 55), “a excelência de todo o trabalho produzido na cidade de Alnwick e os subsequentes estudos realizados em Newcastle upon Tyne, tornaram-se referências essenciais para os estudos de Morfologia Urbana constituindo um legado e o seu desenvolvimento por seguidores”.

3.2 A ESCOLA ITALIANA DE MORFOLOGIA URBANA

Em uma segunda análise, apresentamos agora a Escola Italiana de Morfologia, uma base fundamental para os estudos da área. O grande fundador desta linha é Saveiro Muratori, nascido em



1910 na província de Modena, cuja formação do seu pensamento e prática profissional influenciou diretamente seus seguidores.

Após completar a sua graduação, Muratori dedica-se ao ensino da arquitetura e urbanismo na Escola de Arquitetura de Roma. O estudioso passa a estar em contato com novas ideias e proposições no meio acadêmico, e a partir deste momento, passa a publicar artigos e difundir seus conhecimentos em diversos campos (COSTA e NETTO, 2015).

Ainda de acordo com os autores acima citados, o trabalho de Muratori, sua prática profissional e acadêmica pode ser subdividida em três períodos. O primeiro período, entre os anos de 1933-1946, destaca-se por suas publicações em revistas de arquitetura e seus projetos arquitetônicos que, durante estes anos, estavam sendo construídos na Europa. Como arquiteto, Muratori foi influenciado pelas concepções racionalistas de Le Corbusier, pelo uso de formas tradicionais e pela modernidade dos materiais de construção. Costa e Netto (2015) citam Maretto (2012) para exemplificar o fato de que estes projetos apresentam os conceitos estruturadores que futuramente balizariam os seus trabalhos seguintes. Ou seja, Muratori elaborou um eixo estruturador empregando as variações tipológicas conforme a hierarquia viária.

Durante o segundo período, entre 1947 e 1963, Muratori passa a lidar sua carreira projetual como arquiteto e a atividade acadêmica. Apesar de durante a Segunda Guerra Mundial, ter sua carreira interrompida, seus estudos e reflexões críticas são aprimoradas. Pela primeira vez, os conceitos que consideram as cidades como organismos vivos e como local coletivo da obra de arte, além de propor o planejamento das novas edificações em continuidade com a cultura edílica do local aparecem. Este período é compreendido como o ápice de Muratori no meio acadêmico e em sua vida projetual, influenciando o próprio processo de desenvolvimento urbano na cidade de Roma. Por fim, o terceiro período, definido entre os anos de 1964 e 1973, combina não só o declínio da influência de Muratori e sua retirada da Universidade de Roma, bem como a dissolução da Escola Romana de Morfologia Urbana (COSTA; NETTO, 2015).

Assim sendo, o legado transmitido pela Escola Italiana de Morfologia Urbana e seu principal idealizador, Saveiro Muratori, foi difundido e estudado amplamente por seus discípulos. Atualmente, de acordo com Costa e Netto (2015) que citam Cataldi (2003) e Cataldi, Maffei e Vaccaro (2014), os conceitos muratorianos que estruturaram a Escola Italiana são sete: a linguagem tecnológica arquitetônica, o processo tipológico, a consciência espontânea e a consciência crítica, o organismo urbano, a história operativa, as escalas de análise e os ciclos civilizatórios e por último, a questão geográfica do ambiente humano.

4. OS ELEMENTOS MORFOLÓGICOS NO MEIO URBANO

Conforme apresentado acima, as escolas tradicionais da morfologia urbana possuem linhas e metodologias de estudo diferentes, no entanto, ambas tratam do mesmo objeto e assunto. Desta maneira, determinamos na sequência os componentes que integram a morfologia urbana, possibilitando ao leitor o melhor entendimento das estruturas desta ciência.

A compreensão dos elementos morfológicos, segundo Lamas (2004), pressupõe o entendimento da forma e o modo como se estruturam nas diferentes escalas espaciais. De maneira prática, podemos exemplificar os instrumentos morfológicos genéricos na arquitetura, como os pilares, vigas, paredes, portas e janelas. Se desejarmos conhecer os elementos de uma época específica, o Renascimento, por exemplo, destacam-se as colunas, o frontão, as colunatas, entre outros.

Considerando este princípio e aplicando-o ao espaço urbano, uma escala mais ampla se comparada à arquitetura, de acordo com o mesmo autor, os elementos morfológicos deste meio são dez: o solo, os edifícios, o lote, o quarteirão, a fachada, o logradouro, o traçado, a praça, o monumento, árvore e a vegetação e por último, o mobiliário urbano.

4.1 OS ELEMENTOS MORFOLÓGICOS : O SOLO, OS EDIFÍCIOS, O LOTE E O QUARTEIRÃO, FACHADA, LOGRADOURO, TRAÇADO, PRAÇA, MONUMENTO, VEGETAÇÃO E MOBILIÁRIO URBANO.

O solo-pavimento constitui toda a topografia que se desenha e se constrói a forma da cidade. A modelação do terreno, os revestimentos de pavimentação, os passeios, as faixas asfaltadas, além de outros aspectos são características precursoras na composição formal do meio urbano (PEREIRA, 2012).

Além disso, para o autor acima citado, o solo-pavimento é um elemento de grande importância para o espaço urbano, pois é alvo de conflitos e disputas. A posse de um terreno ou parcela do solo garante ao proprietário o poder de uso e alteração de seu espaço, modificando a forma urbana.

Outro elemento da morfologia urbana são os edifícios, um instrumento mínimo de estudo do formato dos centros urbanos. É por meio dos edifícios que se constitui o espaço urbano e se organizam os espaços identificáveis e com forma própria: a rua, o espaço, o beco, a avenida, entre outros (LAMAS, 2004).



Um terceiro e quarto aspecto morfológico apresentado por Lamas (2004), é o lote ou parcela fundiária e o quarteirão. O primeiro, não é apenas uma porção cadastral, mas sim o fundamento do edificado. O lote é um princípio essencial da relação entre os edifícios com o terreno, pois condiciona a forma do mesmo, e conseqüentemente a forma urbana. Por conseguinte, o quarteirão, define-se por um contínuo de edifícios agrupados entre si em anel, é delimitado pelo cruzamento de três ou mais vias, e é subdividido em parcelas (lotes) para a construção dos edifícios.

Todos os elementos morfológicos possuem uma relação de interdependência entre si, pois representam uma análise desde as pequenas dimensões dos lotes até os extensos limites da forma urbana. Portanto, abaixo continuamos a definir cada um dos elementos, porém, é importante considerarmos a relação de dependência entre os mesmos.

Para Pereira (2012), tratando-se de uma cidade tradicional a relação entre o edifício com o espaço urbano irá processar-se pela fachada, e estas são responsáveis por exprimir as características distributivas (programas, funções e organização). O logradouro, por sua vez, pode ser definido por da seguinte maneira: “é o espaço privado do lote não ocupado por construção, as traseiras, o espaço privado, separado do espaço público pelos contínuos edificados [...]. Na cidade tradicional, um resíduo, ou resultado dos acertos de loteamento e de geometrias de ocupação dos lotes” (LAMAS, 2004, p. 98).

A definição dos elementos acima citados complementam diretamente os traçados e vias urbanas, pois a partir a disposição dos edifícios, dos lotes e quarteirões, são delineadas as ruas e avenidas de uma cidade. É interessante recordarmos ainda o traçado das antigas cidades romanas, delimitadas por dois eixos ortogonais principais, *cardus e decumanos maximus*, que orientavam a distribuição de todos os elementos morfológicos da urbe romana. Centenas de anos depois, Lucio Costa explicou o traçado de Brasília, a subdivisão de quarteirões, vias e lotes à partir do mesmo princípio usado na Antiga Roma (BENEVOLO, 2015).

As praças, outro elemento morfológico definido por Lamas (2004), explicita-se como uma unidade urbana das cidades ocidentais, e distingue-se de outros espaços que são resultados acidentais de alargamentos ou confluências de traçados devido a sua intencionalidade de desenho. Ou seja, a forma urbana é influenciada através do desenho e proposição das praças (Imagem 01), bem como a arquitetura do entono, criando um espaço público direcionado às atividades coletivas da população.

Imagem 01: Foto aérea do parque urbano Madrid-Rio, localizado em Madri, Espanha. Trata-se de uma área anteriormente destinada à rodovias e que, através de soluções sustentáveis, tornou-se uma extensa área verde, influenciando ativamente na paisagem e na forma urbana de toda a cidade.



Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/601277/6-cidades-que-trocaram-suas-rodovias-por-parques-urbanos>

Além destes, pode ser considerado um elemento de análise da morfologia urbana o monumento. Ainda de acordo com o mesmo autor, este se caracteriza como um fato urbano singular, pois diferentemente dos anteriores, torna-se individualizado pela sua presença, seu significado, configuração e conseguinte posicionamento.

Desde a Antiguidade, os monumentos possuíam um significado histórico e cultural para cada civilização, um patrimônio, que demarcava vitórias e conquistas. Como exemplo, citamos o Arco do Triunfo (Imagem 02), inaugurado em 1836 por Napoleão Bonaparte, cuja intenção era homenagear as conquistas francesas nas guerras do século XVIII (BENEVOLO, 2015).

Imagem 02: Imagem do Arco do Triunfo na Avenida Champs-Élysées em Paris. Foi construído em homenagem às vitórias e conquistas de Napoleão Bonaparte, imperador francês. Sua inauguração data o ano de 1836.



Fonte: <http://www.inf.ufpr.br/roverli/photos/franca.html>

Por último, citamos a vegetação e o mobiliário urbano como os principais elementos da morfologia das cidades. No primeiro caso, a vegetação, segundo Pereira (2012), é um elemento de composição do desenho urbano, funcionando como instrumento para organizar, definir e conter espaços. Logo, as árvores e vegetações possuem papel de extrema importância na qualificação das cidades, influenciando o clima e a gestão urbana.

Um exemplo que destaca esta relevância foi a atuação de Haussmann em Paris, durante a reforma urbana de 1870, que utilizou amplamente a vegetação nas largas avenidas e boulevards. Já, em relação ao mobiliário urbano, trata-se, de acordo com Lamas (2004), dos elementos que “mobíliam” as cidades, como chafarizes, bancos, lixeiras, sinalizações, entre outros. Sua funcionalidade e importância destacam-se junto ao conforto que possibilitam aos “usuários das cidades”, e, portanto, também merecem ser estudados dentro da morfologia.

Chegado a este ponto, delimitaram-se os elementos que compõem o estudo morfológico urbano atual, declarando suas respectivas importâncias e usos. Assim sendo, estamos familiarizados com os elementos de análise da forma urbana, e bem como as diferentes escolas que propõe a análise da morfologia urbana, os seus princípios e regras.

4. METODOLOGIA

O desenvolvimento deste artigo, de cunho bibliográfico se deu por meio da coleta de fontes secundárias, ou seja, materiais publicados que possuem uma relação com o tema em estudo. Esta metodologia foi escolhida, pois, ao analisar os textos resultantes de pesquisas e as imagens constituiu-se uma base de dados ampla para o estudo da Morfologia Urbana. Tratando-se de uma pesquisa bibliográfica, busca-se “colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto” (LAKATOS; MARCONI, 1991, p.183). De acordo com Severino (2002) e Andrade (2005) ainda, a pesquisa bibliográfica trata-se de uma técnica de pesquisa que visa o levantamento de fontes escritas ou iconográficas já publicadas que corroboram para a fundamentação de um texto.

Além disso, outro método utilizado no presente trabalho é a comparação que pesquisa coisas ou fatos, explicando-os segundo suas diferenças e semelhanças. O método comparativo foi utilizado com o intuito de estabelecer uma comparação entre os referências e conceitos das escolas inglesa e italiana de morfologia. Este método refere-se, por sua vez ao esclarecimento dos acontecimentos e admite ponderar o dado concreto, deduzindo desse “os elementos constantes, abstratos e gerais.” (LAKATOS; MARCONI, 2007).

De acordo com Gil (2008), o método comparativo resulta da investigação de classes, indivíduos, fenômenos ou fatos, procurando destacar as diferenças e as similaridades entre eles. “Sua ampla utilização nas ciências sociais deve-se ao fato de possibilitar o estudo comparativo de grandes grupamentos sociais, separados pelo espaço e pelo tempo.” (GIL, 2008, p. 16-17).

5. ANÁLISES E DISCUSSÕES

O presente artigo teve por objetivo analisar a definição de morfologia urbana que designa, segundo Lamas (2004), Rego e Meneguetti (2011) e Oldoni (2016), essencialmente os aspectos exteriores do meio urbano e as suas relações recíprocas, compreendendo e explicando a paisagem urbana, isto é, todos os elementos que a compõe e sua complexa estrutura.

A cidade como fenômeno social resulta da acumulação e da união de muitas ações determinadas pelas condições sociais, culturais, políticas, econômicas, grupos ou indivíduos, e, desta forma, precisa ser compreendida como um organismo em constante modificação. O homem transforma o meio em que vive, pois, de acordo com Benevolo (2013), a forma física de uma cidade corresponde a sua organização social.

Segundo Lamas (2004), são dez os elementos morfológicos que nos permite analisar a forma e o traçado urbano: o solo, os edifícios, o lote, o quarteirão, a fachada, o logradouro, o traçado, a praça, o monumento, arvore e a vegetação e por último, o mobiliário urbano. Foi intuito de este artigo salientar estes dez princípios como instrumentos de compreensão atual e histórica dos fenômenos morfológicos dos centros urbanos.

Neste contexto, analisaram-se também as Escolas da Morfologia Urbana que surgiram na Europa durante os anos de 1960, principalmente na Inglaterra e Itália, com seus respectivos idealizadores. Exemplos práticos foram apresentados ao leitor com o intuito de ilustrar os estilos e conceitos teóricos de cada escola permitindo o entendimento dos ideais norteadores de cada uma das linhas morfológicas. Abaixo, na Tabela 01, elencaram-se os principais elementos conceituais das Escolas Tradicionais de Morfologia Urbana. (COSTA e NETTO, 2015).

Tabela 01: Bases conceituais das Escolas Tradicionais de Morfologia Urbana

BASES CONCEITUAIS DAS ESCOLAS TRADICIONAIS DE MORFOLOGIA URBANA		
Escolas	Inglesa	Italiana
Principal pesquisador	MRG Conzen	Saverio Muratori
Principal estudo	Cidade de <i>Alnwick</i>	<i>Studi per una operante storia urbana</i>

		<i>di Venezia</i>
Metodologia	<ul style="list-style-type: none"> • Visão Tripartite: o plano urbano, o tecido urbano e o padrão de uso e ocupação; • Períodos morfológicos; • Analítica/Explicativa 	<ul style="list-style-type: none"> • Linguagem tecnológica arquitetônica; • O processo tipológico; • A consciência espontânea e a consciência crítica; • O organismo urbano; • A história operativa; • As escalas de análise e os ciclos civilizatórios; • A questão geográfica do ambiente humano;
Principais Conferências	ISUF – <i>International Seminar of Urban Form</i>	CISPUT - <i>Centro Internazionale per lo Studio dei Processi Urbani e Territoriali</i>
Principais pesquisadores contemporâneos	<ul style="list-style-type: none"> • M. P. Conzen; • Jeremy Whitehand; • Stael Costa; • Karin Schwabe Meneguetti; • Renato Leão Rego; • etc. 	<ul style="list-style-type: none"> • Giancarlo Cataldi • Paolo Maretto • Paolo Vaccari • Gian Luigi Maffei • etc.

Fonte: Própria autora.

Apesar destas escolas tradicionais da morfologia urbana possuírem métodos e linhas de estudos diversos, com princípios de pesquisa atribuídos a diferentes posicionamentos, é certo que seus objetos de análise são os elementos morfológicos elencados no presente artigo. Assim sendo, por mais que existam diferentes correntes de pensamento, ambas corroboram para a compreensão e entendimento dos elementos da morfologia urbana, os componentes essências de todas as cidades.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propusemos a identificação e a conceituação da ciência denominada Morfologia Urbana, a partir da compreensão dos elementos que a compõe bem como suas diferentes linhas de pensamento. Além disso, foi objeto de estudo e análise a pesquisa histórica referente ao surgimento das principais Escolas de Morfologia, a Inglesa e Italiana. O leitor foi informado e salientado a respeito de cada uma das concepções e princípios, compreendo os contextos de período.

Concluimos que a morfologia urbana compunha-se, basicamente, de elementos como o solo, os edifícios, o lote, o quarteirão, a fachada, o logradouro, o traçado, a praça, o monumento, árvore e a vegetação e por último, o mobiliário urbano. Desta maneira, para compreendermos a forma urbana e o seu traçado, antes de tudo, é necessária a identificação de cada um destes dez instrumentos que compõem as cidades.



Considera-se assim, portanto que a morfologia urbana é em sua essência estudo da cidade como *habitat* humano e de suas formas, considerando que o homem modifica e altera o seu entorno a todo o instante. Planejar e organizar os centros urbanos requer um prévio conhecimento histórico, social, político e econômico do espaço, e assim inserimos estes instrumentos morfológicos, trazendo ao homem possibilidades a serem implementadas para a melhora da qualidade de vida da população que ocupa estes centros bem como uma solução para os inúmeros problemas vivenciados no meio urbano atualmente.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2005.
- BENEVOLO, Leonardo. **A cidade e o arquiteto**. Trad. Attílio Cancian. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- _____. **História da Cidade**. Trad. Silvia Mazza. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- CATALDI, Giancarlo; MAFFEI, Gian Luigi; VACCARO, Paolo. Saverio Muratori e a escola Italiana de tipologia projetual. In: **Revista de Morfologia Urbana**, n.2, p. 25-36, 2014.
- CONZEN, Michael Robert Gunter. **Alnwick, Northumberland: A study in twon plan analysis**. Inst. Br. Georg., Londres, n.27,1960.
- COSTA, Stael de Alvarenga Pereira; NETTO, Maria Manoela Gimmler. **Fundamentos de Morfologia Urbana**. 1. ed., Belo Horizonte, Minas Gerais: C/Arte,2015.
- CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana**. Trad. Isabel Correia e Carlos de Macedo. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1983.
- _____. **The Concise Townscape**. Architectural Press: Great Britan, 2006.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3.ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 3.ed., rev. ampl. São Paulo: Atlas, 1991.
- LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. 3.ed., Porto, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- MOUDON, Anne Vernez. Morfologia urbana como um campo interdisciplinar emergente. *Revista de Morfologia Urbana* (2015) 3 (1), 41-9.



OLDONI, Sirlei. **Cidades novas do oeste do Paraná: Os traçados criados pela colonizadora Maripá.** Dissertação de mestrado no programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Estadual de Maringá e Universidade Estadual de Londrina – UEM, 2016.

OLDONI, Sirlei; REGO, Renato Leão. O traçado das cidades novas planejadas no oeste do Paraná e a configuração regional. **Anais do 4ª Conferência do PNUM.** Brasília, 2015. Disponível em: <<http://www.fau.unb.br/noticias/57-pnum-2015>> acesso em: Ago. 2016.

PEREIRA, Renata Baesso. **Tipologia arquitetônica e morfologia urbana: uma abordagem histórica de conceitos e métodos.** Revista online Vitruvius. v.146.04., Julho, 2012.

REGO, Renato Leão ; MENEGUETTI, Karin Shwabe. A respeito da morfologia urbana. Tópicos básicos para estudos da forma da cidade. **Acta Scientiarum. Technology.** Maringá, v.33, n. 2, p. 123-127, 2011.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 22.ed.rev.ampl.São Paulo: Cortez, 2002.

WHITEHAND, Jeremy W.R. **British Urban Morphology: the Conzenian tradition.** ISUF, International Seminar on Urban Form, Proceedings Cincinnati, v.1, 2001.